

PROTAGONISTAS NEGROS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: BREVE HISTÓRICO E PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS

BLACK PROTAGONISTS IN THE BRAZILIAN CHILDREN'S LITERATURE: A BRIEF HISTORY AND CONTEMPORARY PERSPECTIVES

Erica Bastos da Silva **1**
Núbia Lúcia Novais Borges da Silva **2**
Patrícia de Jesus Silva **3**

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), lotada no Centro de Formação de Professores (CFP). Vice-líder do Grupo de Pesquisa e Extensão LEIA (Leitura, Escrita, Identidade e Artes) da UFRB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6298886920493727>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5281-284X> E-mail: ebastosp@yahoo.com.br

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Pós-graduada em Políticas Públicas Educacionais, pela Faculdade Einstein (FACEI). Pós-graduanda em Psicopedagogia e Educação Infantil pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Extensão LEIA (Leitura, Escrita, Identidade e Artes) da UFRB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5265058649376536>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6683-5252>. E-mail: nubialuciaborges@hotmail.com

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Extensão LEIA (Leitura, Escrita, Identidade e Artes) da UFRB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2442645386285236>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1717-4528>. E-mail: paaty14@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho busca apresentar um breve histórico sobre o surgimento de protagonistas negros na literatura infantil brasileira, bem como problematizar a importância de discutir a representatividade nos livros literários. A partir de uma luta histórica e da promulgação da Lei 10.639/2003, amplia-se o debate acerca das possíveis influências da literatura infantil no processo de construção identitária das crianças negras. Pautadas em autoras como Abramovich (1997), Oliveira (2003) e Jovino (2006), o texto discorre sobre as mudanças estéticas nos livros infantis ao apresentarem protagonistas negros com uma resignificação nos enredos e nos personagens. Destaca-se que algumas publicações contemporâneas estão cada vez mais atentas a essa demanda editorial. No entanto, ainda se percebe a necessidade de ampliação de ofertas de livros de literatura infantil afro-brasileira em livrarias e bibliotecas, especialmente as escolares. Desse modo, este artigo se insere em discussões que compreendem a literatura como um campo artístico em que são expressos valores e referenciais existentes na sociedade e que precisam constantemente de resignificações.

Palavras-chave: História de Protagonistas Negros. Literatura Infantil Afro-brasileira. Construção Identitária. Representatividade.

Abstract: This article aims at presenting a brief history of the rise of black protagonists in the Brazilian children's literature, as well as problematizing the importance of discussing representativeness in literary books. Stemming from a historical struggle and the enactment of the Law 10.639/2003, the reflections concerning the possible influence of children's literature in the process of identity construction of black children is expanded. Based on authors such as Abramovich (1997), Oliveira (2003) and Jovino (2006), this article addresses the aesthetic changes in books for children as they bring black protagonists and re-signify the plots and the characters. It is relevant to point out that some contemporary publications are more and more sensitive to this editorial urge. Nevertheless, one can still notice a need for expanding the offer of African-Brazilian children's literature in bookstores and libraries, especially the ones in schools. Thus, this article is connected to discussions that see literature as an artistic realm where social values and references which constantly need re-signification are expressed.

Keywords: Black Protagonists Stories. African-Brazilian Children's Literature. Identity Construction. Representativeness.

Introdução

A literatura infantil atravessa a nossa trajetória escolar e de vida. Os clássicos apresentados pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm e por Charles Perrault ainda povoam o nosso imaginário. Histórias como *Cinderela* e *Branca de Neve* são conhecidas e adoradas pelo público infantil até os dias atuais, e é fácil encontrá-las nas bibliotecas, nas livrarias ou nos cantinhos de leitura das escolas. Ao ouvirmos a frase “Era uma vez, há muitos e muitos anos atrás...”, lembramos dos momentos de adentrar em um mundo fantástico, repleto de magia, beleza e heroísmo. Nós, meninas, sonhávamos em ser como a Cinderela, ou a Rapunzel, entre tantas outras princesas da literatura canônica. No entanto, desde pequenas, já percebíamos que nossos cabelos crespos e nossas outras características fenotípicas não permitiriam que fôssemos parecidas com aquelas princesas que nos eram apresentadas como referenciais de beleza. Assim, tínhamos, por vezes, a não aceitação do nosso cabelo crespo, do nariz largo e da nossa cor.

O texto literário, aliado à sua construção estética, convida o leitor a adentrar, por alguns instantes, em um mundo que não é o seu, mas que, ao mesmo tempo, está próximo e o acolhe na complexidade da vida humana. Essa experiência pode acarretar um conhecimento a respeito de si próprio e dos outros. As histórias permitem ao leitor conhecer as diferentes formas de representar o mundo e as pessoas que nele vivem. Nesse sentido, destacamos a necessidade de que as matrizes estéticas e culturais dos povos que constituem a sociedade brasileira (negros, indígenas e europeus) estejam presentes nas histórias trabalhadas nas escolas, promovendo a fruição de uma estética literária que evidencie as diferentes possibilidades de *ser* e estar no mundo.

A busca por representações positivas tem se tornado uma demanda de alguns grupos socioculturais, devido a sua capacidade de fomentar no imaginário social uma visão mais condizente a respeito das diferentes identidades. Nessa perspectiva, a literatura afro-brasileira se insere nesse campo de discussão para promover deslocamentos na apresentação dos personagens que outrora se encontravam estereotipados. Nesse sentido, destacamos a necessidade de incluir as infâncias negras no mundo literário, num lugar de protagonismo, para que os seus leitores possam também desenvolver a imaginação e a fantasia a partir de personagens que lhe são semelhantes.

Desse modo, este artigo pretende apresentar brevemente um histórico sobre a inserção de protagonistas negros na literatura infantil brasileira, bem como discutir as perspectivas contemporâneas de ampliação do debate sobre a importância da representatividade. Assim, o texto em tela se propõe a contribuir para essa discussão ao destacar que ela é necessária para ampliar o debate sobre como a literatura promove uma formação humana e identitária dos seus leitores.

Personagens protagonistas negros na literatura infantil: um breve histórico

A literatura produz espaços de representação para os seus personagens, sendo influenciados pelos diferentes contextos, valores, demandas e ideologias que se incorporam à estética literária. Através dos enredos e ilustrações presentes nas histórias infantis podem se construir conceitos do que é tido socialmente como bom, mau, feio e bonito.

Ao reconhecer a literatura como um espaço privilegiado de produção de sentidos que podem contribuir para a valorização ou o apagamento das diferentes identidades humanas (OLIVEIRA, 2003), voltamos-nos, neste tópico do trabalho, para uma breve apresentação sobre o surgimento dos primeiros personagens negros na literatura infantil em posição de protagonismo. Elaboramos essa discussão no intuito de compreender as mudanças estéticas como uma demanda histórica e que, aos poucos, vem sendo atendida no mundo contemporâneo.

No Brasil, foi somente a partir dos anos de 1920 do século passado, com o escritor Monteiro Lobato, que passamos a ter o que podemos chamar de uma literatura infantil brasileira. As histórias por ele criadas misturam inovação e fantasia, representando as características do país através das aventuras dos seus personagens no Sítio do Pica-Pau-Amarelo. É importante ressaltar que em período anterior, os títulos infantis publicados no Brasil eram (quase todos)

traduções dos contos de fadas de origem europeia, com valores e referenciais diferentes dos brasileiros. Lajolo e Zilberman (1984) consideram que essas histórias conquistaram um lugar privilegiado entre os livros que são lidos para crianças, tornando-se sinônimos da literatura infantil, pois até os dias atuais os clássicos são fontes de inspiração para a escrita de outras histórias e releituras.

Ressaltamos que a inovação na escrita literária e o mundo mágico e fantasioso criado por Monteiro Lobato lhe conferem o título de criador da literatura infantil brasileira (ZILBERMAN, 2014). O autor apresenta, através dos seres fantásticos que habitam o Sítio do Pica-Pau-Amarelo, elementos que retratam a nacionalidade brasileira, apresentando em suas obras ideias inovadoras para o seu tempo, como o empoderamento feminino da boneca Emília. Lobato cria também a primeira personagem negra da nossa literatura, a tia Nastácia. Entretanto, a ambiguidade chama a atenção nas obras produzidas pelo autor. Em meio a sua criatividade, não poderíamos abordá-lo sem mencionar os discursos e representações criadas para os seus personagens, especialmente os negros.

A literatura, assim como outras produções artísticas, tende a refletir os valores e ideologias presentes na sociedade. Atreladas à mentalidade eugenista, as obras lobatianas tendem a refletir posturas de inferiorização dos seus personagens negros (tia Nastácia, Barnabé, Saci Pererê), endossando estereótipos comumente atribuídos a esta população em posições de servilismo e subalternização. As concepções vigentes na época, de certo modo, auxiliam a compreender a produção literária no momento de uma sociedade recém-saída de um longo período de escravidão; tais ideias conferiam aos povos negros a negação de direitos fundamentais para a dignidade da vida humana.

O desenvolvimento de uma empatia histórica pode se constituir como um dos caminhos possíveis para os leitores ou mediadores de leitura que optam pela utilização de tais textos. Para tanto, se faz necessário abordar as obras com uma visão crítica, contextualizando o momento histórico de tais produções. Não podemos negar a importância deste autor na construção de uma literatura infantil brasileira e sua influência na formação de escritores canônicos e contemporâneos como Clarice Lispector (1999), Lygia Bojunga Nunes (1988), Pedro Bandeira (2005), Ilan Brenman (2012), Rogério Andrade Barbosa (2005), entre outros. No entanto, a representação dada a personagens negros por Lobato precisa ser amplamente debatida e ressignificada.

Nesse sentido, destacamos mais uma vez que as produções de cada época são influenciadas pelas concepções existentes no seu período de criação. Nos estudos realizados por Gouveia (2005), ao analisar as imagens construídas sobre o negro nos livros infantis brasileiros publicados nas primeiras décadas do século XX, a autora aponta que os personagens negros saíram da ausência para a mitificação, transformando-os em servidores das crianças brancas ou contadores de história. Nas palavras da autora, “a negra e o negro velho transformaram-se em personagem constantes, como agentes socializadores das crianças brancas, numa posição de servidão que revela a continuidade com o modelo escravocrata” (p.84). Ampliando esse debate, Jovino (2006) argumenta: “Não existiam histórias, nesse período, nas quais os povos negros, seus conhecimentos, sua cultura, enfim, sua história, fossem retratados de modo positivo. (p.187)

Jovino (2006) constata ainda que mudanças nessa representação começaram a ser anunciadas por volta do ano de 1975. A autora salienta que a literatura produzida nessa época busca evidenciar uma representação da vida social brasileira trazendo temas tidos, até então, como impróprios para crianças. Discussões sobre a discriminação racial, a pobreza e os preconceitos adentraram o universo das histórias infantis.

Nessa perspectiva, destacamos aqui o livro *Nó na Garganta* (1980), escrito por Mirna Pinsky e ilustrado por Ciça Fittipaldi, que foi uma das obras publicadas nesse período, considerado por Zilberman (2014) o pioneiro na apresentação de uma personagem negra em posição de protagonismo. A história se desenvolve em torno dos episódios de discriminação racial para, no fim, apresentar a personagem vivenciando o reconhecimento da sua beleza.

A imagem construída para Tânia, a criança que protagoniza a história, é de uma menina negra que vivencia conflitos relacionados à sua aparência. Dentre as caracterizações, ela é

apresentada como uma menina pobre, que não possui brinquedos e, por isso, é sempre preterida pelos colegas durante as brincadeiras. Por vezes, são criadas situações de passividade e a menina é associada à feiura.

Estudos realizados por pesquisadoras como Oliveira (2003) e Jovino (2006) nos mostram que os enredos criados nessa dimensão, embora estivessem preocupados com a denúncia das questões sociais, o fazem de um modo que tendem a repetir os estereótipos que pretendiam romper. Assim, destaca-se, em *Nó na Garganta*, uma inovação da autora em apresentar uma criança negra no lugar de protagonismo, abrindo os caminhos para a criação de outros personagens, mas também a manutenção de estereótipos, através das constantes humilhações que Tânia vivencia ao longo da narrativa, assumindo também posições de sofrimento e servilismo perante as ações dos personagens não negros.

Assim, para além da denúncia do racismo, é indispensável possibilitar que os leitores tenham contato com distintos personagens negros desempenhando diferentes papéis e funções, exercendo atividades cotidianas, descobrindo belezas de cabelos e cores, afirmando uma identidade negra valorizada.

De acordo com Jovino (2006), nos títulos publicados no fim da década de 1980, é possível encontrar enredos que buscam a valorização dos personagens negros. Nessa perspectiva, começam a ser enaltecidos outros referenciais de beleza e de valorização de uma herança ancestral. Nessa direção, evidenciamos os livros *O Menino Marrom* e *Menina Bonita do Laço de Fita*, por serem as primeiras histórias destinadas ao público infantil que rompem com os marcadores anteriormente atribuídos aos personagens negros.

O Menino Marrom tem sua primeira edição publicada no ano de 1986, tendo sido escrito e ilustrado por Ziraldo. A história retrata a descoberta da diversidade humana através de questionamentos sobre as cores e os experimentos científicos feitos por duas crianças, que são o Menino Marrom na condição de protagonista, e o seu amigo, o Menino Cor-de-rosa. Ziraldo inaugura uma nova forma de representação dos personagens negros. A descrição das características do menino apresenta uma construção formada por adjetivos que tendem à valorização, tais como “era uma vez um menino marrom. Ele era um menino muito bonito. [...] Sua pele era cor de chocolate. Chocolate puro, não aqueles misturados com leite. [...] Os olhos dele eram muito vivos e grandes.” (ZIRALDO, 2012 p.3). O autor prossegue com as descrições, afirmando que “os cabelos eram enroladinhos e fofos” (p.4). Tais descrições evidenciam a preocupação em demonstrar a beleza dos traços fenotípicos, como o cabelo enroladinho e o nariz largo do menino.

Já o livro *Menina Bonita do Laço de Fita* tem como autora Ana Maria Machado, e foi publicado também em 1986. Neste, a autora apresenta um coelhinho branco que tenta de variadas formas ficar com o seu pelo preto, assim como a criança mais bonita que ele já conheceu, A Menina Bonita do Laço de Fita, protagonista da história. Assim como na obra anterior, é possível encontrar uma construção que visa o enaltecimento estético a partir de afirmações como, “era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite” (MACHADO, 2019, p.1).

Percebe-se também, durante a narrativa, uma relação de afeto e cuidado entre mãe e filha, simbolizada no ato de trançar os cabelos crespos, comparando os penteados da menina com princesas africanas: “A mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa de terras africanas, ou uma fada do reino do luar” (MACHADO, 2019, p.2). Outro aspecto inovador presente na obra refere-se ao reconhecimento das suas origens. É através do álbum de fotografias dado pela sua mãe que a menina bonita e o coelho branco descobrem o motivo de ela ser tão pretinha.

No entanto, autores como Oliveira (2003), ao analisarem as representações dos personagens das duas histórias mencionadas acima, apontam para a presença de aspectos que refletem o ideal da mestiçagem, ao atribuir ao menino à característica de “marrom” e o nascimento de uma ninhada de coelhos de todas as cores possíveis. A autora ressalta que os personagens são enaltecidos pelos atributos físicos e/ou intelectuais, com vistas a reforçar o mito da democracia racial. Além disso, ambos os protagonistas são apresentados sem um nome específico, o

que pode dificultar um reconhecimento identitário.

Entre críticas e elogios, tais literaturas são inovadoras, para o período em que foram produzidas, por romper com a negatividade destinada aos personagens negros. Essa mudança estética permite encontrar elementos que, na atualidade, são vistos como ícones identitários (GOMES, 2003) apresentados de modo valorativo nas ilustrações e nas falas dos personagens, a exemplo do cabelo crespo e da cor pretinha da menina bonita. Sobre a valorização do cabelo dentro de uma estética negra Gomes assevera:

Ver a manipulação do cabelo do negro e da negra como continuidade de elementos culturais africanos ressignificados no Brasil poderá nos pôr em contato com a história, memória e herança cultural africana presente na formação cultural afro-brasileira. (GOMES, 2003, p.180)

Assim, romper com posições fixas que determinavam o modelo de apresentação dos personagens negros é uma demanda do mundo contemporâneo iniciada em meados da década de 1970, com o objetivo de criar representações que evidenciassem a realidade brasileira, e encontra na contemporaneidade espaços de discussão e tensionamento para ampliação dos títulos afro-brasileiros.

No que diz respeito da representação dos personagens negros, nos últimos anos é possível observar uma produção afro-literária que apresenta uma descentralização em relação às representações que eram popularizadas naquele período. Atualmente ressurgem, nessas produções, uma fusão entre traços fenotípicos e História, e ambas se apresentam nessa nova conjuntura, como um ambiente cultural, político e social de afirmação identitária. Essa nova qualidade estética, aliada à divulgação das religiosidades de matriz africana, à cultura afro-brasileira, ao continente africano e às temáticas afins, se configuram novas representações, que são, atualmente, disseminadas por meio de obras infantis que evidenciam formas de fortalecimento das identidades negras.

A Lei 10639\03, que determina a obrigatoriedade do ensino de História e da cultura africana e afro-brasileira no currículo de todas as escolas do país, juntamente com reivindicações históricas de movimentos negros, mobilizaram e mobilizam uma luta antirracista também na esfera educacional, reivindicando uma revisão das narrativas, para que seja excluída qualquer expressão de preconceitos e discriminação em relação ao negro.

Literatura infantil afro-brasileira: produções contemporâneas

Como vimos, durante muito tempo a literatura infantil brasileira não trazia em seus enredos uma representação da diversidade que compõe a nossa sociedade, e as infâncias negras construíam, a partir dessas leituras, referenciais de beleza que se diferenciam de quem somos. O desejo de querer fazer parte de uma cultura ou de ser semelhante a indivíduos que têm os pertencimentos étnicos diferentes dos nossos pode acarretar na construção da baixa autoestima das crianças negras. Essa negação da própria identidade nos remete ao que Oliveira e Candau (2010) chamam de “colonialidade do Ser”, que se configura como uma não aceitação das nossas próprias características (fenotípicas, por exemplo), em relação a outras consideradas mais aceitáveis por nós mesmos e pelos outros. Reforçamos assim que a literatura infantil, no nosso caso, a literatura afro-brasileira, funciona como um importante meio para aprendizagem sobre a valorização da diversidade cultural que atravessa a nossa existência.

A escola é um espaço que pode promover transformações. É nesse ambiente que comumente as crianças se encontram com outras pessoas e, por consequência, com uma diversidade de culturas e conhecimentos. A utilização, na sala de aula, de uma literatura infantil que enfatiza, aliada ao universo ficcional, a valorização das diferentes culturas pode contribuir no desenvolvimento da autoestima, assim como na valorização da origem, ancestralidade e cultura.

As crianças negras constroem as suas identidades ou as modificam em um processo contínuo, mediante as relações que elas mantêm com o meio social e com o que é considerado

diferente. Dessa maneira, todos os espaços em que as crianças convivem, além dos objetos aos quais elas têm acesso, transformam-se em referenciais que interferem na construção de valores e atitudes. Mariosa e Reis (2011) destacam que “a construção da identidade da criança é algo que vai passar inevitavelmente pelos referenciais que forem a ela apresentados” (p.42). As autoras ainda destacam as influências dos brinquedos, dos personagens de desenho animado e das histórias infantis.

Assim, os últimos anos do século passado já anunciavam avanços significativos na abertura temática e nos modos de representação dos personagens negros nos livros literários destinados ao público infantil. A questão da representatividade se tornou objeto de discussão para os diferentes grupos sociais que buscam a construção de outros imaginários que evidenciem as diversas possibilidades de se constituir enquanto sujeitos de direitos, histórias e vivências a serem respeitadas nos vários âmbitos sociais.

Após a promulgação da lei 10.639/2003 observamos, ainda que timidamente, novas perspectivas e desafios para o meio educacional, como por exemplo, uma educação com proposta intercultural, fundamentada no diálogo com as diferentes matrizes que constituem o Brasil. No entanto, ainda percebemos a escassez de materiais que retratem a diversidade e também a formação específica dos professores e coordenadores para desenvolverem atividades pautadas no princípio da pluralidade e respeito étnico-cultural. É importante ressaltar que a literatura brasileira é entendida pelas orientações e ações para educação das relações étnico-raciais (BRASIL, 2006) como um dos espaços de possibilidades para promover uma educação antirracista.

Diante da escassez de títulos literários que abordem a temática afro-brasileira, o mercado editorial é tensionado para se adaptar as novas demandas dos leitores e da sociedade, voltando a sua atenção para a publicação de livros que apresentem a temática da diversidade étnico-racial. Debus (2007) e Vasques e Debus (2009), ao fazerem o levantamento dos títulos disponíveis em sete catálogos de diferentes editoras e mapearem os títulos de oito casas editoriais brasileiras nos anos de 2005 e 2008, concluíram que algumas editoras, de forma ainda tímida, têm ampliado o número de títulos que abordam a temática da cultura africana e afro-brasileira. Entende-se, dessa forma, que as exigências da lei 10.639/03 e 11.645/2008, de certo modo, fomentam a produção de uma literatura infantil compromissada com outras representações sociais. Entretanto, embora tenham ocorrido avanços importantes no mercado editorial, pesquisas como as desenvolvidas por Santos, Silva e Silva (2018), apontam nos resultados preliminares do seu estudo que, após a promulgação dessas leis, ainda são poucos os livros literários encontrados na escola que contemplam as questões afro-brasileiras e indígenas. As autoras complementam suas argumentações afirmando que a literatura clássica predomina tanto nas escolas como nas grandes livrarias.

Nesse contexto de necessidade de renovação do mercado editorial e visibilidade dos livros produzidos voltados para essa temática, é possível encontrar algumas editoras que apresentam um olhar mais crítico para as literaturas afro-brasileiras publicadas. Neste cenário, destacamos editoras como Mazza Edições, Malê e Pallas, que vêm apresentando aos leitores títulos literários voltados para a valorização das histórias e cultura afro-brasileira e africana, buscando atender as demandas dos leitores que buscam por obras baseadas no princípio da representatividade negra. Ressaltamos, no entanto, que essa é uma preocupação recorrente entre algumas editoras brasileiras, ao lançar obras literárias que abordem essa discussão.

Desse modo, são encontrados títulos em que os personagens negros vivenciam desde situações cotidianas, passando pelo resgate da sua ancestralidade até os contos de fadas. Essas novas produções buscam aproximar as crianças do universo literário por meio de um olhar positivo, através do qual lhes é possibilitado vivenciar fantasias, emoções e as experiências de compreender a si mesmo e ao mundo, contribuindo para o respeito às diferentes presenças no meio social.

É importante deixar explícito que a compreensão de literatura abordada neste trabalho vai ao encontro do proposto por Abramovich (1997), uma vez que, a referida autora compreende a literatura como um meio artístico de representação da realidade, sendo “uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos

e atravessamos.” (ABRAMOVICH, 1997, p.17). Desse modo, é importante que os personagens negros estejam presentes nas histórias infantis para que os diferentes leitores tenham maior possibilidade de identificação nas histórias que são lidas e assim desenvolver outras ideias e compreensões sobre o mundo por meio da leitura literária.

Ao problematizar a necessidade de literaturas afro-brasileiras contemporâneas, são apresentadas a seguir algumas histórias infantis que se inserem nas discussões sobre a ressignificação dos personagens negros, contribuindo, do nosso ponto de vista, para a constituição identitária do sujeito leitor. O critério de seleção dessas obras foi, especialmente, a qualidade estética que é tão cara às produções literárias afro-brasileiras.

O primeiro livro que apresentamos se intitula *Flora* e foi escrito pelo antológico Bartolomeu Campos de Queiroz e, nessa edição, foi ilustrado por Ellen Pestilini. Através de uma escrita carregada de significados para a vida humana, o leitor é levado a conhecer os segredos do ciclo da vida. Flora é a menina protagonista da história. Ela gosta de morar entre as sementes, esperando as possibilidades de que a vida seja reinventada a cada nova germinação, aguardando as transformações inesperadas das pequenas sementes em florestas, árvores e frutos. Ao apresentar a menina, o autor diz: “Flora era como a madrugada. Trazia no corpo a cor da noite somada ao brilho do dia. Era ônix molhado com a claridade do sol. Sua maneira de viver era estar entre o plantio e a colheita”. (QUEIROZ, 2009, p.2). As ilustrações completam a poética do autor, ao mesclar desenhos, colagens e pinturas que levam ao encantamento de tocar as imagens experimentando as descobertas experienciadas pela menina.

O outro livro, intitulado *Meu crespo é de rainha* (2018), é escrito pela ativista norte-americana bell hooks, com ilustrações de chris raschka. A obra apresenta as diversas possibilidades de penteados dos cabelos crespos e cacheados, a exemplo das tranças e coques que são usados desde a infância. Escrito em forma de poema e sem personagens evidentes, a obra é um convite para as meninas tocarem os seus próprios cabelos e experimentarem as possibilidades de manipulação, descobrindo a beleza que está em si, uma vez que permite aos seus leitores outras formas de representação para os cabelos das crianças negras.

A exemplo de destaque dessa nova representação na literatura infantil de matriz afro-brasileira, temos a publicação da obra *O cabelo de Lelê*, da autora Valéria Belém, com ilustrações de Adriana Mendonça. A narrativa relata a história de uma criança afrodescendente que sempre se questiona o porquê de os seus cabelos serem cacheados, revelando, desse modo, o desejo de saber a origem de tantos cachinhos. Ao encontrar o livro que traz narrativas a respeito dos países africanos, Lelê se depara com a história da África. Envolvida numa trama de medos, guerras, sonhos e amor pelo cabelo, a garota reconhece todo o simbolismo e a origem dos seus cachinhos. Essa história se aproxima da realidade das crianças negras, por apresentar um símbolo da cultura negra, evidenciado através do cabelo cacheado. Colabora, assim, para a construção de um imaginário infantil, onde a personagem principal permite o reconhecimento da origem e a construção de uma identidade positiva de si.

Após a leitura do livro *Países Africanos*, Lelê aparece com diversos penteados e é possível evidenciar a seguinte expressão: “*O cabelo negro é pura magia, encanta o menino e a quem se avizinha*” (Belém, 2012, p. 24). A expressão contribui, para o reconhecimento identitário do pequeno leitor, pois o cabelo negro é associado a uma magia e oferece uma nova dimensão estética ao cabelo negro.

Um outro livro que apresentamos neste texto é *Chico Juba*, do autor Gustavo Gaivota e ilustrado por Rubem Filho. Escolhemos esta obra por compreendermos que são poucas as narrativas que apresentam um menino negro como personagem principal, além de apresentar a relação desse protagonista com a sua estética, alvo de constantes mudanças.

Chico Juba é um menino inventivo. Com os seus equipamentos de cientista e ideias inovadoras, ele dá início à criação de várias fórmulas de xampus para proporcionar mudanças nos seus cabelos crespos, chegando a ficar careca, com cabelos brancos, cabelos de bebê, cabelos eletrocutados, dentre outras invenções. No entanto, chega o momento em que ele percebe que bonito mesmo é ser quem se é, e a partir de então ele desiste das transformações criando vários penteados para o seu cabelo crespo.

O último livro que vamos apresentar neste texto é *A princesa Violeta*, um conto de fadas

criado pela escritora Veralindá Ménezes e dedicado à sua filha Sheron Menezes. As ilustrações são de Rogério M. Cardoso. A autora justifica a escrita do livro como uma resposta à demanda da filha que não se enxergava nas princesas clássicas que são apresentadas na escola, e sua primeira edição é do ano de 2008. Destacamos assim o seu caráter representativo, pois a história surge da ausência de meninas negras na condição de princesas dos contos de fada. Violeta é uma princesa negra, assim como os demais integrantes da sua família. Ela se vê em meio à frustração do seu pai, por não ter tido um filho homem para defender o seu reino, em virtude da doença que lhe acometia. É diante dessa situação que a Princesa Violeta inicia, em segredo, ao seu treinamento para tornar-se uma guerreira e defender o Reino Tropical da possível invasão dos piratas. O conto faz uma junção de atributos para caracterizar a sua beleza, vinculando-a a características como coragem e heroísmo. Apesar de sua representação ocidentalizada, o livro tornou-se uma importante referência no trabalho com a representatividade e o protagonismo de personagens negros como reis, rainhas, princesas e príncipes.

Assim, destacamos essas produções contemporâneas como um passo importante para a construção de uma literatura comprometida com a realidade social e que apresente os seus personagens exercendo os mais variados papéis e atividades. Nesse sentido, essas histórias podem auxiliar as crianças a compreenderem os sentimentos e belezas da vida, as diferentes formas de pensar e representar o mundo no qual estamos inseridos. Por fim, destacamos a necessidade de uma análise das obras infantis que apresentem protagonistas negros, para que tais histórias, a partir da sua qualidade estética, contribuam para a formação identitária de crianças negras.

Considerações Finais

A literatura exerce grande influência no imaginário dos seus leitores, seja através da formação de conceitos e valores ou por repercutir representações que circulem socialmente. Oportunizar às crianças leituras que promovam uma fruição da estética literária na qual seja evidenciada a diversidade cultural existente no país, torna-se indispensável para o desenvolvimento da imaginação e da fantasia, formando, através da leitura, sujeitos conscientes do seu pertencimento e que compreendem a si e aos outros.

A literatura infantil afro-brasileira possibilita um olhar diferenciado para as questões que envolvem a diversidade, criando possibilidades para as crianças negras se verem representadas nas histórias que são lidas. Além disso, tais literaturas buscam romper com as posições fixas presentes no modelo literário tradicional, que representava os personagens a partir de marcadores étnicos e sociais cristalizados ainda hoje no imaginário de adultos e crianças. Assim, a literatura exerce grande influência no imaginário infantil, ao construir representações simbólicas nas quais a criança poderá assimilar e recriar as ações presentes no texto lido a partir das suas experiências enquanto leitora, portadora das mais diversas experiências, que a constitui em identidades individuais ou coletivas.

De acordo com as leituras realizadas para a fundamentação deste trabalho, compreende-se que em cada momento histórico foram produzidas literaturas condizentes com os conceitos e ideologias existentes na época. Nessa perspectiva, entende-se que a escrita literária não é neutra, visto que ela expressa valores através das representações e demandas de cada período. Os primeiros personagens negros da literatura infantil em posição de protagonismo, embora tivessem o objetivo de denunciar as discriminações raciais presentes na sociedade brasileira, terminavam por endossar os estereótipos, apresentando-os como personagens sofredores, passivos, desempregados, entre outras qualificações. As mudanças estéticas anunciadas nas publicações seguintes constituem um rompimento com essas representações, uma vez que elas inauguram um novo lugar para os personagens negros, saindo da ausência e inferiorização para legitimar outras formas de existência e de protagonismo.

É importante salientar a ampliação de publicações que visam o enaltecimento das questões afro-brasileiras. Esse comportamento é resultado de demandas históricas que tensionam o fazer literário na busca de representações estéticas e literárias mais condizentes com as múltiplas realidades encontradas no nosso país. É nessa nova abordagem que estão situados os títulos contemporâneos apresentados neste texto, visto que a sua construção estética representa o deslocamento dos personagens apresentados como os protagonistas de suas próprias

histórias, vivenciando situações do cotidiano, descobrindo suas belezas e valorizando aspectos culturais afro-brasileiros e africanos.

Desse modo, espera-se que este trabalho contribua para ampliar o debate sobre a necessidade de se produzir e difundir a literatura infantil afro-brasileira, com vistas a se repensar cada vez mais sobre a importância da representatividade na formação das crianças.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo, Scipione, 1997.
- BANDEIRA, Pedro. Depoimentos. In: OLIVEIRA, Ieda (org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005. p.180-183.
- BARBOSA, Rogério Andrade. O futuro vem do passado. In: OLIVEIRA, Ieda (org.). **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005. p.135-145.
- BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. Ilustrações de Adriana Mendonça. São Paulo: IBEP, 2012.
- BRASIL. Lei 10.639 de 8 de janeiro 2003. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências**. Brasília. DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 15 de ago. 2020.
- BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm, acesso em: 14 de ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf, acesso em 15 de ago. 2020
- BRENNAN, Ilan. **A condenação de Emília: o politicamente correto na literatura infantil**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. VASQUES, Margarida Cristina. A linguagem literária e a pluralidade cultural: contribuições para uma reflexão étnico-racial na escola. In: **Conjectura: filosofia e educação/UCS**, v. 14, n.2, Caxias do Sul, RS: Educus, maio/ago. 2009. p.133-144. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/19/18>. Acesso em: 10 de ago. 2020.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. A representação do negro na literatura para crianças e jovens: negação ou construção de uma identidade? In: **Imaginário, identidades e margens: estudos em torno da literatura infanto-juvenil**. Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2007. p. 262-269.
- GAIVOTA, Gustavo. **Chico Juba**. Ilustrado por Rubens Filho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. *Educ. Pesqui.* [online]. 2003, vol.29, n.1, pp.167-182. Dis-

ponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000100012&script=sci_abstract&tlng=pt, acesso em: 15 de ago. 2020.

GOUVEA, Maria Cristina Soares. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica**. São Paulo, Educação e Pesquisa, v.31, n.1, 2005. p.79-91. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1.pdf>, acesso em 25 de ago. 2020.

HOOKS, bell. **Meu Crespo é de Rainha**. Ilustrações de chris raschka. Tradução Nina Rizi. São Paulo: Boitatá, 2018.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina.; LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura Afro-Brasileira**. Salvador: Centro de estudos afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 179-217.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História e histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Ilustrações de Claudius. 9ªed. São Paulo: Ática, 2019.

MARIOSAS, Gilmaras Santos; REIS, Maria da Glória dos. **A influência da literatura infantil afro brasileira na construção das identidades das crianças**. Est. Literária. Londrina, Vagão-volume 8 parte A, dez. 2011. p. 42-53. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8A-Art06.pdf>, acesso em 13 de ago. 2020.

MÉNEZES, Veralindá. **Princesa Violeta**. Ilustrações de Rogério M. Cardoso. 3ª ed., Porto Alegre: Príncipes Negros, 2011.

NUNES, Lygia Bojunga. Livro – eu te lendo. In: _____. **Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes**. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. 2003. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação e Contemporaneidade, Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de, CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. *Educ. rev.* [online]. 2010, vol.26, n.1, p.15-40. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000100002&script=sci_abstract&tlng=pt, acesso em 03 de ago. 2020.

QUEIROZ, Bartolomeu Campos de. **Flora**. Ilustrado por Ellen Pestili. 2.ed. São Paulo: Global. 2009.

SANTOS, Carla da Cruz. SILVA, Dalila Lima da. SILVA, Erica Bastos da. A leitura literária na escola: reflexões sobre a formação identitária de leitores nos anos iniciais do ensino fundamental. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **Educação Literária: Mediação e prática pedagógica**. Recife. Linguaraz editora. 2018. p.103-113.

ZILBERMAN, Regina. **Como e porque ler literatura infantil brasileira**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ZIRALDO. **O menino marrom**. autoria e ilustração. 40ªed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

Recebido em 30 de agosto de 2020.

Aceito em 15 de setembro de 2020.